

NARCISO PINTO

UNHAS-DE-FOME

FRESCA

NARCISO PINTO

UNHAS-DE-FOME

FRESCA

a dinastia afe-nafe

sejam fritas as línguas mais maldosas
François Villon

vocação

contra mim falo
que nisto de surtos de pânico
nem romantismo nem decadentismo
mas pela sua saúde não leia mais livros
esse manancial de bocejos
nem estime a descrença
essa lâmpada que nos escurece
pois de outro modo sempre será mais sensato
tornar-se ambidestro em matéria de afectos
e especialista na arte de ser-se conforme
desde logo frisando indisponibilidade
para as incontáveis virgens destinadas a quaisquer que não nós
tenho certa tendência para o pós-verdade
não o nego
e se virmos que tal conduta permitirá ventos de feição
convirá ater-mo-nos
e apostar tudo neste tipo de dobragens
apregoando:
o horizonte fechar-se-á em pálpebra
e os meus dedos serão o holofote que vos iluminará!
sinto muito
em tempos também eu me julguei artista
pelo que jamais poderei ocultar-vos
aquilo que os outros de mim velam
e cujo veredicto será pouco ou nada promissor
palpita-me

posso sempre consultar a minha biografia mas nunca fiando –

coqueluche

com licença
coisa louvada
cuja longa e arrasada existência
se parece à de um insecto em uma garrafa
ali sedimentada, faraónica
se me der licença
à de um pau-de-chuva aguardando mão alheia
que lhe dê a volta
ora pois
você que procura na noite os interruptores
sabe lá deus
esse chafariz de luz metida entre as tetas
outro sonhos, por asas, mesmo em libras por sobre a mesa
e aponta o céu em pocinhas de água porque olhar ao alto é
[desordem
e o sol é essa espessa venda que ignora os desfiladeiros de
[uma certa idade
minto
e a eternidade é, se não for abusar, a divina crica
depois da avenida e gente de bem
com a sua licença
alçapão por debaixo da língua
e problemas oftalmológicos de memória
num posto-de-abastecimento da galp
no deserto
ou até mesmo nas nocturnas teclas
de lareiras jamais ateadas
por manipuladores das artes ocultas e raras

e se me der licença ainda
um tudo-nada poser
a nadar para a fotografia
a partir de um aquário doméstico que resta
dos museus paleontológicos
sem verdadeiramente sair da sua zona-de-conforto
uma pena ali estar inclusive
se mo permitir
plantando esquemas, luas e tetas
no esticar da primavera de um ano ao outro
e almejando o paraíso
seja qual for a doutrina
sem nunca irradiar demasiada esperança
pois com toda a licença, se mo permitir
poderia não sobreviver à radiação
e o seguro, mediante certa cláusula, não cobre
veja lá

curto e grosso

caro chofer
está frio o café
não querendo arrelhar, com franqueza
não me compete a mim
de veia idílica e anti-crítica
tecer bitaites c/ prioridade à direita
e quanto a eleições é o que se sabe
- é favor riscar o que não interessa -
pelo que, rogo-lhe
não seja possidónio
meu caro chofer
em casa ou no manicómio a gente é a mesma
desejam apenas beber e ser deixados em paz
tudo o mais é já industrializado
de maneiras que
não faça caso do que para aí se caricatura
em murais politizados e concessões manhosas
faça ouvidos-moucos
tudo o que lhes resta, feitas as contas, é a escandaleira
e embora rasos, não somos soldados
são outros os gatilhos que nos fandangam
como bem sabe
olhe, a mim sugerem-me apanhar sol mais vezes e beber com
[moderação
sem peneiras
vez por outra jantar no chinês
e validar a absolvição no próximo reclame
com o alto patrocínio de pequenas crias por detrás do avental

embora a minha ideia de família não seja emitida por satélite,
[sabe?

a minha ascendência jamais irá usufruir de bisnetos
pois não faço questão que o meu pessimismo vaze
para dentro da cuba do que seria um filho ou demais ficção
não desfazendo
prefiro antes dar de fuga deste planeta & quotas em atraso
de maneiras que
meu caríssimo
faça-me o obséquo, sim?